

OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS NO RIO GRANDE DO SUL

Juciele Pereira Dias e Priscila Finger do Prado

É preciso [...] criar mentalidade dialectológica.

(Serafim da Silva Neto)

RESUMO[®]

O presente artigo visa a uma breve leitura acerca dos estudos dialetológicos rio-grandenses, desde os primeiros trabalhos desenvolvidos no interior dos estudos filológicos (estudo diacrônico das línguas), até, a partir da institucionalização da disciplina de Lingüística no Brasil, passarem a ser desenvolvidos também no interior dos estudos lingüísticos (estudo sincrônico das línguas), como, por exemplo, no curso de Letras da UFSM, no qual a disciplina de Dialectologia do Português, atualmente, está vinculada ao Departamento de Lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia,
Lingüística, Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos disciplinares em dialectologia, segundo Houaiss (2001), começaram pela criação de uma cátedra de Dialectologia, ocupada por Jules Gilliéron, na École Pratique des Hautes Études, em 1882, na França. No Brasil, Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto são considerados os primeiros estudiosos relevantes nos estudos dialetológicos, os quais, segundo Mattoso Câmara (1976, p. 56), “advogaram a aplicação, na dialectologia, das técnicas usadas em geografia lingüística”. Nascentes foi o precursor dos estudos para um *Atlas lingüístico do Brasil* e Silva Neto foi o organizador de um *Centro de estudos dialectológicos*, no Museu Nacional do Rio de Janeiro (Altman, 1998, p.73-74).

Dentre os primeiros estudos dialetológicos, por Gilliéron, “a geografia lingüística era considerada pelos romanistas europeus como uma disciplina diacrônica” (Mattoso Câmara; 1976, p. 57); já no Brasil, e na América em geral, segundo Mattoso Câmara (1976, p. 57), “tem de ser essencialmente uma investigação sincrônica, focalizando a distribuição e a classificação tipológica das divergências dialetais”. Essas considerações são relevantes pelo fato de que os estudos dialetológicos no Brasil foram iniciados no interior dos estudos filológicos, que estudam as línguas diacronicamente e, posteriormente, passaram a ser

desenvolvidos no interior dos estudos lingüísticos, buscando estudar as línguas sincronicamente, como, por exemplo, na disciplina de dialectologia do curso de Letras da UFSM, que está vinculada ao Departamento de Lingüística.

A partir disso, propomos para este trabalho, uma abordagem dos estudos dialetológicos no Rio Grande do Sul, salientando os principais trabalhos publicados, as dificuldades encontradas para os estudos do *dialeto gaúcho*, como, por exemplo, as influências fronteiriças e de imigrantes, além de alguns aspectos da dialectologia como disciplina curricular obrigatória do curso de Letras da UFSM até o ano de 2006.

1. Contextualização histórica dos estudos dialetológicos

Em 1955, Serafim da Silva Neto lançou seu **Guia para estudos dialetológicos** e, com ele, a idéia de que seria preciso, também no Brasil, “criar mentalidade dialectológica”. Para isso, seria necessário, em primeiro lugar, apreender o que se entende por “mentalidade dialectológica”, o que é dialeto e porque é necessário diferenciá-lo de língua.

É interessante ressaltar que, enquanto Silva Neto trabalhava dialectologia, esta já dava frutos significantes em outras partes do mundo. Das ciências da linguagem, pode-se dizer a Dialectologia não entra no *hall* das mais jovens: ela tem seu início no final do século XIX, quando tomaram vigor os estudos comparativos que visavam a *língua-mãe*. Nessa época, estudiosos como Cornu, Mussafia e Ascoli iniciam trabalhos sobre as línguas faladas, oficializando o nascimento dos estudos dialetais (Silva Neto, 1957).

Ao início do século XX, o suíço-francês Jules Gilliéron lança o *Atlas lingüístico da França* e consolida a dialectologia pela criação de uma cátedra na École Pratique des Hautes Études. A partir desse período, a ciência dos dialetos teve um grande crescimento, devido tanto a quantidade de trabalhos que passaram a ser desenvolvidos, quanto a qualidade que estes alcançaram.

No Brasil, segundo Cardoso & Ferreira (1994), três são as fases que esta ciência distingue; a primeira abrange o período de 1826 a 1920 e se caracteriza por sua experimentalidade e pelo trato mais afetivo e menos científico para com a língua, os falares e o léxico; a segunda, começa com a publicação de **O dialeto carioca**, de Amadeu Amaral, destacada por Brandão (1991) como a primeira tentativa de descrição de um falar regional no Brasil, na mesma medida em que Amaral seria o primeiro dialetólogo brasileiro; a terceira e última fase tem seu início com o projeto *Atlas Lingüístico do Brasil* e os trabalhos que dele derivam ou se assemelham, relacionando a Dialetoлогия à Geografia Lingüística.

Dos trabalhos que surgiram nessa última fase, destaca-se o Projeto de Estudo Conjunto da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil (NURC), este, desenvolvido em cinco capitais brasileiras – Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Esse projeto tem baseado vários trabalhos e publicações, inclusive o projeto da Gramática do Português Falado, do professor Ataliba de Castilho.

No Rio Grande do Sul, pode-se dizer que há, por parte dos seus habitantes, certa disponibilidade em estudar separadamente os aspectos de sua cultura, a fim de delinear um diferencial perante o restante dos estados brasileiros. Isso acontece devido ao fato de se encontrar numa região fronteira (Uruguai, Argentina), por ter sido, inicialmente, colonizado por espanhóis, dois motivos geradores de lutas territoriais, e ainda por ter recebido uma grande quantidade de imigrantes europeus, como alemães e italianos, entre outros. Assim, através de publicações, sejam elas antigas ou recentes, chega-se a uma Literatura Rio-Grandense, a um folclore gaúcho, a uma culinária rio-grandense e, dentre outras peculiaridades, a um dialeto gaúcho (Felipe Simões Pires)². Este, pode-se dizer, é basicamente formulado com base no falar do porto-alegrense, o qual já se encontra de tal forma normatizado que, além de ser perpassado pelo projeto NURC, já se encontra dicionarizado, ou seja, tem boa parte de seu léxico, aquilo que lhe é particular, no **Dicionário de Porto-alegrês**, de Luis A. Fischer.

2. Rio Grande do Sul: uma história de colonizações

Dessa maneira, para que se possa pensar a dialetologia no Rio Grande do Sul, é necessário pensar na existência de um dialeto gaúcho, na sua formação e suas características. Isso faz com que seja necessário contextualizar alguns aspectos da formação do estado rio-grandense.

Ao final do século XV, Portugal e Espanha iniciaram uma bem sucedida campanha de expansão marítima. Por intermédio do oceano Atlântico, portugueses e espanhóis navegaram “por mares nunca dantes navegados”, acabando por “descobrir” terras novas, de um até então desconhecido continente, o qual convencionou-se denominar América.

Embora Portugal tenha sido o “descobridor oficial” de tal terra nova, os espanhóis, alegando igualdade de direitos, reivindicaram sua parte nesse novo território. Assim, até que se chegasse à configuração atual do território americano-ibérico, muitos foram os tratados, as tomadas de posse, as invasões e as lutas territoriais.

E no Rio Grande do Sul não foi diferente. A formação do estado gaúcho envolve diretamente as lutas de espanhóis e portugueses pelo seu território e o motivo da expansão da fé católica, um dos principais objetivos de ambos os povos colonizadores.

Assim, destacam-se as missões jesuítas, no início do século XVII, em que, no ano de 1608, o rei espanhol Felipe III cria, segundo Lazzarotto (1976, p. 21), o sistema das reduções pelo qual o rei doava terras aos índios, sob a condição de abraçarem o catolicismo, aceitarem a supervisão dos jesuítas, pagarem os impostos e prestarem serviço militar. Os missionários espanhóis começaram seus trabalhos, de 1610 a 1626, fundaram 14 reduções pela região do Guairá. No último ano, em 1626, o Padre Roque Gonzáles atravessou o Rio Uruguai e fundou a redução de São Nicolau, no Rio Grande do Sul, e, posteriormente, as reduções de Candelária, Assunção do Ijuí e Caaró, onde morreu em 1628. Essa ocupação jesuítica, em solo brasileiro, perdurou até meados do século XVIII, com o tratado de Madrid, definindo a questão de posse nas colônias, o qual deu ao Brasil, mais ou menos, a configuração atual.

Assim estabelecida a posse do Rio Grande do Sul aos portugueses, inicia-se o processo de colonização, propriamente dito, desse estado. Esse processo, segundo Lazzarotto (1976, p.65-73), começa no início do século XIX, é patrocinado pelo governo e conta com imigrantes alemães, italianos e poloneses, principalmente, além de outros grupos étnicos como letos, franceses, espanhóis, libaneses, judeus, sírios, japoneses, etc. Convém lembrar que, por intermédio do escravismo, o Rio Grande do Sul recebeu negros vindos, principalmente do Rio de Janeiro e oriundos mais remotamente do continente africano. Alia-se a esse mosaico étnico, a presença dos índios que, segundo Lazzarotto (1976, p.6), habitavam o território hoje pertencente ao Rio Grande do Sul, há mais de seis mil anos.

Dado a essa diversidade cultural que se constitui no Rio Grande do Sul, a problemática dialetológica tornou-se bastante complexa. Além do português, dominante no estado, convivem, paralelamente, línguas como o italiano e o alemão, nas suas respectivas zonas de colonização; o espanhol na região fronteiriça com o Uruguai e a Argentina; além das línguas indígenas faladas pelos poucos índios que ainda restaram no território gaúcho, das quais se destaca a língua dos kaingangues, estes descendentes do antigo grupo Gê ou Tapuias.

3. Dialetoologia no Rio Grande do Sul

Para os estudos dialetológicos no/do Rio Grande do Sul é significativa a obra publicada, segundo Guimarães (2004, p. 27), “em 1852, **Coleção de vocábulos e frases usado na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**” pelo filólogo e também considerado, por alguns teóricos, como o primeiro gramático do Brasil, Antônio Alvares Pereira Coruja. Essa obra reúne um trabalho de pesquisa que envolve o folclore gaúcho e traz, segundo Clemente (2005, p.01), “curiosidades da língua falada e escrita na Província de São Pedro, há 150 anos”.

Aproximadamente um século depois, o professor e filólogo alemão Heinrich Adam Wilhelm Bunse desenvolveu importantes projetos para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos no RS, dos quais salienta-se o projeto *Atlas Lingüístico do Rio Grande do Sul*. Pelas palavras de Clemente é possível se conhecer um pouco do trabalho de Bunse.

A investigação científica foi a grande atividade modelar do Prof. Bunse em Dialectologia, perseguindo os sendeiros de Antônio Pereira Coruja que em 1851, publicara - *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro*. A Dialectologia científica foi seu campo aberto até a realização do *Atlas Lingüístico do Rio Grande do Sul*. Sua permanência na fazenda em Camaquã dera-lhe o gosto pela língua do povo. Mário S. Klassmann afirmou: “a descrição da língua e da cultura do povo, através da Etnografia e do Folclore Rio-Grandense representa o grande ideal e a realização do Prof. Bunse”. (CLEMENTE, 2005, p.03).

Com o falecimento do professor Bunse em 1990, o projeto do *Atlas Lingüístico do Sul do Brasil* foi passado aos colegas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Prof. Dr. Mário Silfredo Klassmann e ao Prof. Dr. Valter Koech. Observou-se por consulta ao site do Conselho Nacional de Pesquisa (Cnpq) que o grupo de pesquisa ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL (EQUIPES NA UFRGS, UFSC, UFPR), liderado por Hoech e Klassmann pertence à área de concentração

dos estudos lingüísticos, diferentemente do momento em que foram iniciados os trabalhos, ou seja, na área dos estudos filológicos. Segundo Clemente (2005, p. 01) “em 1964, o Prof. Mario Klassmann auxiliou o Prof. Bunse na Filologia Românica. Nos anos seguintes tornou-se professor titular”. Dessa relação entre Filologia e Lingüística, Clemente apresenta a seguinte reflexão.

Nesse diversificado leque de investigação lingüística, onde se observa o deslocamento da ênfase diacrônica para sincrônica, vários pesquisadores de destacaram, a começar pelo Professor José Pedro Rona, de origem tcheca, que, atuando na Universidade da República Oriental do Uruguai, realizou seu doutoramento na PUCRS, em 1965, defendendo a tese *Voseo: aspectos de la dialectología rioplatense*. (CLEMENTE, 2005, p.03).

A partir da década de 60, no Brasil, tem-se o começo da institucionalização³ da lingüística nos cursos de Letras. A Lingüística desenvolve o estudo da língua sob uma perspectiva sincrônica, ou seja, a língua em seu estado atual, diferentemente da filologia que desenvolve o estudo da língua sob uma perspectiva diacrônica, que considera a influencia da passagem do tempo na evolução da língua.

Já no interior dos estudos lingüísticos, outros projetos de pesquisa foram desenvolvidos na região sul, como o projeto VARSUL (Variação Lingüística na Região Sul), idealizado pela professora Leda Bisol e desenvolvido junto de outros pesquisadores. O Projeto NURC (Norma Culta Urbana), que foi coordenado pelo professor Albino de Bem Veiga, teve como integrantes as professoras Leda Bisol e Aida Ferraz, e construiu um banco de dados representativo do português brasileiro, os quais, segundo Clemente (2005, p. 03) “continuam sendo objeto de análise em todo o território nacional”.

Nessa mesma perspectiva entre os estudos filológicos e lingüísticos encontrou-se a disciplina de dialetologia nos seus primeiros anos na Universidade Federal de Santa Maria. No ano de 1979, a disciplina foi ministrada pelo professor de filologia Mario Guagliotto e, no ano de 1981, já aparece nos diários de classe como ministrada pela professora doutora em lingüística Neusa Martins Carson. Nas décadas seguintes a disciplina seguiu sendo ministrada pelos professores de lingüística até ano de 2006 quando será deixará de ser ministrada na UFSM devido à extinção do currículo vigente no período de 1992 – 2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, período em que ainda estão em desenvolvimento os estudos para um *Atlas Lingüístico do Sul do Brasil*, têm sido publicados diversos trabalhos referentes aos estudos da língua portuguesa no seu estado atual, a língua nacional, levando em consideração a geografia lingüística, as línguas dos imigrantes, dos índios. É nesse contexto que ocorre a renovação da grade curricular do curso de Letras da UFSM, em que se tem a exclusão da disciplina de dialetologia do português. Nessas condições, é possível se questionar se a extinção da *dialetologia do português* implicaria mudanças em outra(s) disciplina(s)? Será que essa extinção não implicaria numa alteração nos conteúdos desenvolvidos pela sociolingüística? Sabendo que a disciplina de dialetologia possui um caráter prático, voltado não só para a análise das variedades geográficas, mas também socioculturais, pode ser assumido junto à sociolingüística. Isso já ocorre, conforme foi observado nesse trabalho, na linha de pesquisa dos professores Mário Silfredo Klassmann e Dr. Valter Koech no projeto *Atlas Lingüístico do Sul do Brasil*. Sendo assim, acredita-se que os estudos dialetológicos poderiam, por esse viés, manter-se em meio aos estudos disciplinares da UFSM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, Cristina. **A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968 – 1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A Dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- CLEMENTE, Elvo. *Surgimento e desenvolvimento e dos estudos filológicos no Rio Grande do Sul*. VI Jornada Nacional de Filologia. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ivjnf/13.html>. Acesso em: 29 jun 2006.
- GUIMARÃES, Eduardo. **História da Semântica**. Campinas: Pontes, 2004.
- HILGERT, José Gaston (org.). **A língua falada culta na cidade de Porto Alegre**. Passo Fundo: EDIUPF & Ed. UFRGS, 1997.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAZZAROTTO, Danilo. **Historia do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- PIRES, Felipe Simões. *O dialeto gaúcho*. Disponível em: www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gaúcho. Acesso em 23 nov 2005.

RECHIA, Aristilda. *História de Santa Maria*. Disponível em: <http://www.santamariatur.com.br/história.htm>, acesso em 10 dez 2005.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialetológicos**. 2 ed. Belém, 1957.

TEYSSIER, PAUL. **História da Língua Portuguesa**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NOTAS

¹ Trabalho desenvolvido pelas alunas do sexto semestre do curso de Letras e apresentado à disciplina Dialetologia do Português, sob orientação da prof. Ms. Karina Giacomelli.

² Alguns conceitos são relevantes nos estudos dialetal, como o de língua, de dialeto e de falar. Segundo Cardoso & Ferreira (1994), o conceito de língua se caracteriza como “um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É o resultado de um processo histórico, evolutivo”. Convém lembrar que a língua oficial de uma nação também envolve o conceito de dialeto. Primeiro, porque ela própria vem a ser um dialeto, o dialeto dominante, autorizado, oficializado; segundo, porque abrange vários subsistemas, ou seja, vários dialetos. Assim, um dialeto, além de ser “um subsistema inserido num sistema abstrato” (língua), é caracterizado ainda como “um feixe de isoglossas”, ou seja, um emaranhado de limites virtuais de formas e expressões lingüísticas. Nesse sentido, o falar seria uma espécie de subsistema do dialeto. Segundo Brandão (1991), o conceito de falar pode receber duas acepções, falares locais ou falares regionais. Por falares regionais, entende-se algo semelhante àquilo que se entende por dialetos, tanto que Silva Neto (1957) preferiu referir-se a falar, não por distinguir os dois conceitos, mas por acreditar o conceito de dialeto complexo para se referir ao Brasil e seus falares. Já por falares locais, Brandão (1991) caracteriza como “as peculiaridades expressivas próprias de uma região determinada, que carecem da coerência interna que possui o dialeto”.

Dessa forma, tem-se, para o país, a língua portuguesa do Brasil, prenhe de unidade na diversidade; para o estado, um dialeto próprio, que se convencionou denominar gaúcho; e, para as cidades gaúchas um falar próprio de cada uma, que, no caso de Santa Maria, sugestionou-se a denominação de falar santa-mariense, ou ainda, um conjunto de falares do Rio Grande do Sul, geograficamente localizado.

³ PIRES, Felipe Simões. *O dialeto gaúcho*. Disponível em: www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gaúcho.

⁴ Esse trabalho, acerca dos estudos das instituições, dos acontecimentos nas instituições “que organizam as práticas de produção de conhecimento, as obras que formulam este conhecimento” (Guimarães, 2004, p.11) vem sendo desenvolvido no projeto *História das Ideias Lingüísticas no Brasil* sob coordenação dos professores Eduardo Guimarães (UNICAMP) e Eni Orlandi (UNICAMP). Deste Programa fazem parte pesquisadores de um grande número de universidades brasileiras, de diversas regiões do Brasil,

Inclusive do Laboratório Corpus da Universidade Federal de Santa Maria.